



NA BATIDA DO CORAÇÃO: VIVÊNCIAS DE MARACATU NA ESCOLA

IN THE HEARTBEAT: MARACATU EXPERIENCES AT SCHOOL

Débora Souto Allemand¹

Colégio de Aplicação da UFRGS

Daniela Barzotti Kohlrausch²

Colégio de Aplicação da UFRGS

Resumo: Este trabalho apresenta as potencialidades pedagógicas de um projeto de maracatu, envolvendo os componentes curriculares Dança e Música, com estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental. Discute a presença da cultura popular no currículo da escola, bem como estratégias para uma formação feminista e antirracista através do estudo e vivências do maracatu e da preparação de um cortejo. Proporcionou-se aos estudantes a experimentação de instrumentos musicais, trabalhando o toque, a dança e o canto em conjunto, com base nos fundamentos do maracatu de Mestra Joana Cavalcante. A partir da presença de uma Mestra da cultura popular na escola, buscou-se dar visibilidade para a cultura e história afro-brasileira, resgatando as contribuições, as vivências e as conquistas femininas nas áreas artística e cultural.

Palavras-chave: ensino de artes; educação básica; cultura popular; maracatu; educação antirracista e feminista.

Abstract: This paper presents the pedagogical potential of a maracatu project, involving the Dance and Music curricular components, with 1st grade elementary school students. It discusses the presence of popular culture in the school curriculum, as well as strategies for feminist and anti-racist education through the study and practice of maracatu and the preparation of a procession. The students were provided with opportunities to experiment with musical instruments, working collectively on drumming, dancing, and singing, based on the principles of the maracatu taught by Master Joana Cavalcante. By bringing a *Mestra* of popular culture into the school, the project sought to give visibility to Afro-Brazilian culture and history, highlighting the contributions, experiences, and achievements of women in the artistic and cultural fields.

Keywords: arts education; basic education; popular culture; maracatu; anti-racist and feminist education.

¹ Professora de Dança do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Artes Cênicas (UFRGS) e Licenciada em Dança (UFPel). Participa do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher - Feministas do Baque Virado. Pesquisa relações entre Dança, Educação e Espaço. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2809172806147764>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8479-9822>.

² Professora de Música do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Educação Musical (UFRGS) e Licenciada em Música (UFRGS). Participa do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher - Feministas do Baque Virado. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0360767559517234>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-9145-0040>.



1 MEU TAMBOR TEM A BATIDA DO CORAÇÃO

Nos corredores de uma escola de educação básica de Porto Alegre, com frequência se ouvia alguém cantando “Meu tambor tem...” e o coletivo de estudantes e professoras respondia “A batida do coração”. O grupo de pessoas cantava e dançava, simultaneamente, a coreografia da música: vira pra direita e vira pra esquerda! Vez ou outra também se ouvia ao fundo (ou nem tão longe) o som da alfaia, um dos tambores do maracatu. Essas vivências compõem um dos projetos propostos pelas professoras de Dança e Música do Colégio de Aplicação da UFRGS no ano de 2025.

A ideia de trabalhar com a cultura popular na escola surgiu com a oportunidade de realizar um cortejo de maracatu do Baque Mulher Porto Alegre, puxado e apitado pela Mestra Joana D’arc Cavalcante, numa de suas estadias na cidade, articulando suas oficinas e vivências independentes com atividades na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A preparação para o cortejo, que envolveu todas as turmas do ensino fundamental e médio do ensino regular do CAP/UFRGS, foi tema das aulas de Dança e Música durante dois meses e o objetivo deste artigo é compartilhar a experiência desse processo através do relato das professoras regentes da turma de 1º ano do ensino fundamental.

2 MARACATU NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS

2.1 MARACATU E MOVIMENTO BAQUE MULHER

O maracatu é uma manifestação cultural que surgiu no século XVIII em Pernambuco durante o período em que pessoas negras eram escravizadas. A celebração envolve performances musicais e coreográficas, além do ritual de sincretismo religioso afro-brasileiro. Ao longo dos séculos, o maracatu tornou-se um símbolo de identidade e ancestralidade, unindo elementos do candomblé, da jurema sagrada e do carnaval pernambucano (Santos, 2017). Existem duas vertentes de maracatu, o de baque solto (ou maracatu rural) e o de baque virado (ou maracatu



nação). O Maracatu de baque virado, sobre o qual nos debruçamos, utiliza, em geral, os seguintes instrumentos de percussão: alfaia, timbal, caixa de guerra, mineiro, gonguê e agbê. O agbê, tradicionalmente tocado por mulheres, ganhou protagonismo nas alas de maracatu graças ao trabalho de lideranças como Mestra Joana Cavalcante.

Até pouco tempo atrás, por questões religiosas, apenas os homens tocavam os tambores utilizados no maracatu nação e eram considerados Mestres de Nações de Baque Virado, sendo as mulheres relegadas principalmente aos espaços dos bastidores, como a produção de figurinos. A história mudou com a chegada de Mestra Joana Cavalcante, que, seguindo a tradição, foi determinada pelos orixás da casa de candomblé Ylê Axé Oxum Deym, a reger o baque, desafiando a hierarquia de poder, propiciando uma fissura nas relações de gênero dentro das práticas de maracatu (Santos, 2017). Dessa forma, alinhamo-nos com a noção de que a cultura popular é viva e está em constante atualização, conforme Santos (2022, p. 26):

Diferentemente da ideia propagada de que a Dança Popular é ultrapassada, parada no tempo, essa manifestação cultural é uma expressão da contemporaneidade que se atualiza cotidianamente conforme seus padrões e autores [...] A partir desses pressupostos depreende-se a possibilidade de ajustes, aquisições, concessões conforme a necessidade se apresente em acordo com as transformações sociais do tempo vigente. Nesse dinamismo alterações antes impensadas são consideradas, criando-se novas configurações que corroboram na manutenção e transmissão das tradições em diálogo com as gerações contemporâneas.

Mestra Joana Cavalcante é, portanto, a primeira mulher a liderar uma Nação de Maracatu de Baque Virado, sendo Mestra da Nação Encanto do Pina, em Recife/PE, cumprindo papel fundamental nas transformações sociais contemporâneas dentro da cultura popular. Mulher negra, mãe, líder comunitária e símbolo de resistência, Mestra Joana traz em sua trajetória a luta pela inclusão das mulheres na percussão e no maracatu. Seu trabalho não se limita à música, sendo uma ferramenta de inclusão social, resistência e valorização da cultura afro-brasileira.

Enfrentando diversas violências no processo de ser considerada a primeira Mestra de maracatu, Mestra Joana criou, em 2008, o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, que tem como objetivo promover o empoderamento feminino



através da aprendizagem de toques, danças e músicas autorais de maracatu de baque virado, buscando sensibilizar, educar e fortalecer a atuação das mulheres nas artes e na sociedade. A filial de Porto Alegre foi fundada em 2020 e é composta em sua grande maioria professoras da educação básica, sendo duas delas docentes de Dança e Música do CAP/UFRGS, as autoras deste texto. O Baque Mulher POA promove, sistematicamente, rodas de conversa, oficinas, cortejos e apresentações abertas no espaço público da cidade e atua principalmente junto a escolas e movimentos sociais.

2.2 Artes no CAP: em busca de um ensino antirracista e feminista

Como unidade de Educação Básica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Colégio de Aplicação (CAP) oferta Ensino Fundamental e Médio completos, tanto no Ensino Regular como na Educação de Jovens e Adultos (EJA). No que se refere ao ensino de Arte, o CAP/UFRGS garante cada linguagem artística como componente curricular autônomo, tendo docentes com formação específica em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro atuando à frente desses componentes, proporcionando a criação e realização de projetos integrados entre as linguagens, com a parceria de professoras das diferentes áreas.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o ensino de Arte ocorre de diferentes maneiras. No 1º ano, os estudantes participam das disciplinas de Dança e Música, do 2º ao 5º ano, o currículo oferta o componente curricular denominado Multiartes e, no 4º e 5º ano, além do Multiartes, há a oferta de Música. Nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, as artes se organizam de diferentes formas, sobre as quais não nos aprofundaremos, pois trataremos neste artigo apenas do ensino de Dança e Música no 1º ano do ensino fundamental.

Nos últimos anos, a escola vem investindo cada vez mais em incluir o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos dos diferentes componentes curriculares. Desta forma, busca-se o cumprimento da Lei 10.639 (Brasil, 2003), que acrescentou o artigo 26-A à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), inserindo no currículo oficial a exigência de temas voltados ao



ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira nas escolas. A legislação visa ofertar aos estudantes uma educação com base na pluralidade e, assim, ressignificar positivamente a imagem da população negra e contribuir para a construção de uma sociedade igualitária. Para isso, nos Programas de Estudos dos componentes curriculares, temos o campo de Ações didáticas em diálogo com a Educação das Relações Étnico-Raciais, onde são descritas as ações de cada disciplina nessa temática.

Mais recentemente, foi promulgada a Lei 14.986 (Brasil, 2024), que inclui a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio. Assim, também buscamos resgatar e ensinar os saberes artístico-culturais produzidos pelas mulheres, pois sabemos que é a prática de sala de aula, o dia a dia no chão da escola que tem a potencialidade de modificar a sociedade. Neste sentido, o ensino da vertente da linguagem do maracatu de baque virado da Mestra Joana e da Nação Encanto do Pina serviu como forma de produção de conhecimento artístico nas áreas de Dança e Música a partir de uma perspectiva antirracista e feminista.

2.3 Na batida do coração: Dança e Música do Maracatu no CAP/UFRGS

Iniciamos o ano levando nossos agbês para a sala de aula. Apostamos numa aula conjunta de Dança e Música e no encantamento de nossos instrumentos musicais “super coloridos” para conhecer os alunos que estavam chegando no 1º ano na escola. A partir de repertório do universo infantil e popular, mostramos e experimentamos o instrumento em aula. Num segundo momento, apresentamos a alfaia para a turma e a partir daí começamos o trabalho com o Maracatu (Figura 1).



Figura 1 – Aula com alfaia e agbê.



Fonte: As autoras.

A escolha da loa/música que foi ensinada inicialmente levou em consideração uma letra que fizesse sentido para as crianças: "Meu tambor tem / a batida do coração / meu baque é virado, segura o compasso da marcação"³. A coreografia do refrão também foi levada em conta no momento da escolha da loa. Ora as aulas aconteciam de forma separada, com a professora de música em uma sala e a professora de dança em outra e metade da turma em cada componente, e ora propúnhamos atividades juntas, compreendendo que:

A performance do Maracatu se constitui, portanto, como um saber que rompe fronteiras, que se movimenta numa espiral, num vai e vem dialógico; não apenas entre espaços geográficos e significados simbólicos – mas na relação comunicativa entre toque, dança e canto (Garcez, 2016, p. 136).

Nas aulas de música, além de experimentarmos instrumentos ligados ao maracatu (alfaia, o agbê, o ganzá e o agogô), com toques simplificados para a turma, nos apropriamos do canto como instrumento principal, na forma de pergunta (mestra) e resposta (coro). A característica do maracatu de baque virado, de ser acompanhado somente por instrumentos de percussão, cria um mundo de possibilidades melódicas para quem canta, inclusive o da escolha da tonalidade. Como a voz infantil, normalmente, é mais aguda que a voz adulta, ao alternarmos a(o) solista (mestra(e) da vez), cada estudante acabava por escolher a melhor tonalidade para sua voz,

³ Loa de autoria de Mestra Joana Cavalcante. Disponível em: <https://nacaoencantodopina.maracatu.org.br/loas-do-encanto/>



mantendo-se num registro confortável. Além disso, como protagonistas do fazer musical, sua autoestima foi fortalecida ao ocuparem o posto mais alto do maracatu - puxando a loa, como a Mestra Joana.

A compreensão de alguns elementos musicais puderam ser desenvolvidos com as crianças, como o pulso (batida constante da música), que muitas vezes é associado à caminhada ou à batida do coração (Figura 2), significativamente reforçado pela letra e pela coreografia do refrão da loa, bem como a percepção das pausas musicais: “Meu tambor tem () A batida do coração ()”. Dessa forma, a coreografia teve um papel fundamental na assimilação do pulso e do silêncio musical.

Figura 2 – Página do livro Sementes de Joana, utilizado com a turma durante o projeto.



Fonte: As autoras.

Nas aulas de Dança, os movimentos do maracatu foram abordados através de brincadeiras com saias (Figura 3), aproximando os estudantes desse elemento utilizado por diversas danças populares e trazendo um dos fundamentos de Mestra Joana no Baque Mulher. “O uso da saia enfatiza o aspecto da feminilidade, outrora negado, quando as mulheres, obrigatoriamente, se travestiram de homens para fazerem parte do batuque” (Santos, 2022, p. 71), demarcando que hoje as mulheres ocupam um espaço que até pouco tempo atrás era ocupado somente por homens.

Figura 3 – Experimentação com uso de saias.



Fonte: as autoras.

Inicialmente, alguns meninos não se dispuseram a vestir as saias, mas com o passar das aulas, conversando sobre o uso de figurinos na dança, a maioria foi se abrindo para a experimentação e as saias foram capazes de transformar o ambiente de maneira lúdica. Os figurinos proporcionaram o faz-de-conta com histórias de heróis, princesas, pássaros e bruxas. De modo mais subjetivo, compreendemos as saias como elementos capazes de desenhar espirais no espaço e o “[...] o desenho da espiral é o próprio movimento da dança e das ondas sonoras, que tambores e vozes fazem ecoar nas performances de matriz africana” (Garcez, 2016, p. 133).

Ainda nas aulas de dança, trabalhamos com os elementos característicos de cada uma das Orixás que regem a Nação Encanto do Pina, Oxum e Yemanjá, seguindo as bases de movimentos que as danças do maracatu carregam, conforme coloca Cavalcante: “A gente procura seguir, em toda coreografia, o ritmo dos Orixás. Na dança da Oxum, na dança de Iansã, em cada loa que é feita sempre trabalhando com os Orixás, dançar igual entendeu?” (in Oliveira, 2011, p. 84).

Assim, brincamos com movimentos de segurar o espelho de Oxum e com movimentos ondulados, relacionados à Yemanjá. Conversamos com os estudantes sobre a relação entre o Maracatu e as religiões de matrizes africanas, buscando aproximar esses elementos de seus contextos, visto que muitas famílias da comunidade escolar frequentam casas de batuque, umbanda, candomblé e outras religiões afro-brasileiras. Observamos como é importante para as crianças trabalharmos com temas que elas têm acesso e conhecimento, valorizando seus



saberes e proporcionando o estreitamento de laços das professoras com os estudantes e facilitando a produção de conhecimento artístico.

Apreciamos vídeos de desfiles do carnaval pernambucano, cantamos as letras das loas, tocamos instrumentos do maracatu, brincamos com saias e passos básicos de maracatu e conhecemos as orixás que regem a Nação Encanto do Pina. A temática do maracatu serviu tanto para o ensino de conteúdos e objetivos de música e dança, como se estendeu para além desses componentes curriculares. As professoras regentes das turmas, pedagogas, apresentaram o livro *Sementes de Joana*, trabalharam com a história da Mestra e abordaram as palavras desconhecidas dos alunos, tendo sido um potente projeto também na alfabetização.

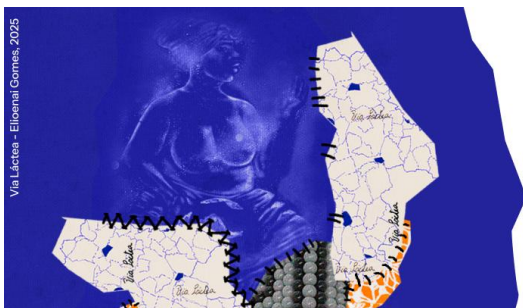
2.4 Sua benção, Mestra? Uma Mestra de maracatu na escola

Um dos fatores motivadores no desenvolvimento do projeto foi a possibilidade da vinda da Mestra Joana na escola (Figura 4). Sim, a mestra já era *popstar* entre as crianças! A cultura popular foi valorizada, aproximando as crianças dos saberes da escola, indo ao encontro do que Souza coloca: “Os mestres da cultura popular são pessoas que se reconhecem e são reconhecidas pelo seu grupo ou comunidade como representantes e herdeiros dos saberes e fazeres da cultura tradicional de transmissão oral” (apud Santos, 2022, p. 31).

Figura 4 – Estudantes aguardando por autógrafo da Mestra Joana, ao final do cortejo na escola.



Fonte: Ário Gonçalves, 2025.



A preparação do cortejo que arrebataria a escola inteira teve o envolvimento da equipe de docentes dos anos iniciais e contou com a parceria das batuqueiras do Baque Mulher Porto Alegre. O cortejo ocorreu no final de uma manhã de sexta-feira, passando pelos corredores da escola, arrastando todos os estudantes e professores, que abriam as portas das salas de aulas e vinham atrás do maracatu liderado por Mestra Joana Cavalcante. Com a chegada na quadra poliesportiva, o grupo Baque Mulher Porto Alegre entoou a letra da loa no microfone: “Meu tambor tem” e o coro respondeu: “A batida do coração!”. Uma só voz ecoando junta, uma escola inteira no mesmo compasso (Figura 5).

Figura 5 – Cortejo e apresentação do Baque Mulher POA no Colégio de Aplicação da UFRGS.



Fonte: Ário Gonçalves, 2025.

O grupo cantou algumas loas no microfone, tocando e dançando junto com a comunidade escolar. E Mestra Joana puxou uma grande roda, para que todos se enxergassem e fizessem uma brincadeira de batida de mãos no ritmo do maracatu. Aquele momento demonstrou não somente a importância da Mestra na transmissão dos saberes próprios do Maracatu, mas foi capaz de empoderar outras mulheres



negras, principalmente, com sua potência artística e de representatividade, conforme Santos (2022, p. 22) escreve sobre as Mestras: “[...] para além de serem memórias vivas responsáveis por garantir a ancestralidade e identidade do seu povo ao transmitir saberes e fazeres aos mais jovens, usam seu espaço de poder para empoderar outras mulheres”.

3 **Axé! CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto foi ao encontro das Leis 10.639/2003 e 14.986/2024, dando visibilidade à cultura e história afro-brasileira e resgatando as contribuições, as vivências e as conquistas femininas nas áreas artística e cultural, obrigatórias nos currículos das escolas de ensino fundamental e médio, a partir da presença de uma Mestre da cultura popular. A figura da Mestre na escola, além de cumprir com o papel da difusão dos saberes e fazeres tradicionais do maracatu, foi capaz de proporcionar o empoderamento feminino e dos estudantes negros e negras.

Entendemos que estudar as contribuições histórico-culturais dos povos africanos é reescrever e recontar a história do Brasil a partir das suas produções na ciência, cultura, arte e pedagogias, colaborando para a possibilidade de desconstrução de condutas, práticas e padrões preconceituosos, racistas e excludentes. Assim, consideramos que as experiências de maracatu na sala de aula plantaram uma semente na formação de hábitos, comportamentos e valores que colaboram para que todos sejam protagonistas no combate ao racismo e à discriminação étnica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996, p. 27833, col. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 16 set. 2025.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 16 set. 2025.



BRASIL. *Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 set. 2024, p. 3, col. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14986.htm. Acesso em: 16 set. 2025.

GARCEZ, Laís Salgueiro. Dança do Maracatu: aprendendo suas formas com Mestre Maurício. *Revista Antropolítica*, Niterói, n. 40, p. 128-155, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41779/23772>. Acesso em: 15 mar. 2025.

OLIVEIRA, Leticia Doretto (Leticia Doretto Olomidará). *Dança terrestre: uma proposta de ensino de dança a partir das CorpoOralidades afrorreferenciadas*. 2024. 314 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/84318cfd-3892-4cca-bf78-511f3891f3e3>. Acesso em: 02 set. 2025.

QUEIROZ, Mariana. *Sementes de Joana*. São Paulo: Mocho Edições, 2021.

SANTOS, Alcinéia Soares dos. *O lugar de fala das mestras: espaços de experiência social, temporal, simbólica e de resistência artística*. 2022. 167 f. Dissertação (Mestrado em Dança). Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36653>. Acesso em: 02 set. 2025.

SANTOS, Vanessa Soares dos. Maracatu Baque Mulher, Resistência e Feminismo Negro. *Revista NEIAB-UEM*. Maringá, v. 01, n. 01 – jul. 2017. Disponível em: <https://dcs.uem.br/neiab/revista-neiab/6-2.pdf>. Acesso em: 03 set. 2025.